

RACISMO E MULHERES NEGRAS

CARTILHAS DE AULA-OFICINA PARA
O ENSINO MÉDIO

MARIA JOSÉ LIMA DOS SANTOS



PROFHISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**RACISMO E MULHERES NEGRAS:
CARTILHA DE AULAS - OFICINA PARA
O ENSINO MÉDIO**

Autora: Maria José Lima dos Santos
Orientadora: Profª Drª Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa

São Cristovão, SE
2026



AUTORA

Maria José Lima dos Santos

CAPA

Marlone Santana

DIAGRAMAÇÃO

Marlone Santana

REVISÃO

Maria José Lima dos Santos

ORIENTAÇÃO

Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa

EDIÇÃO

Maria José Lima dos Santos

Marlone Santana

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.







Sumário

Apresentação.....	7
Oficina 1 - Racismo: uma compreensão a partir da obra Quarto de Despejo: Diário de uma favelada.....	9
Oficina 2 - Mulheres negras na obra Quarto de Despejo: Diário de uma favelada.....	20
Oficina 3 - Racismo e mulheres negras na obra Cartas a uma negra.....	26
Referências.....	35



Apresentação


Prezado (a) professor (a)

Esta cartilha foi elaborada com o objetivo de contribuir para o ensino de História a partir de uma perspectiva antirracista, valorizando as experiências e vozes das mulheres negras. Para isso, propõe o trabalho com as obras *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, e *Cartas a uma Negra*, de Françoise Ega, tomadas aqui como importantes documentos históricos e culturais.

A literatura, quando utilizada em sala de aula, amplia as possibilidades de compreensão do passado e do presente, permitindo que os/as estudantes entrem em contato com experiências históricas vividas, sentimentos, percepções e formas de resistência muitas vezes silenciadas nos livros didáticos. Nesse sentido, esta cartilha busca transformar a sala de aula em um espaço de diálogo, reflexão crítica e produção de conhecimento histórico, aproximando os/as alunos/as das realidades narradas pelas autoras.

As propostas de aulas-oficina aqui apresentadas foram pensadas para o Ensino Médio e articulam leitura, análise de fontes, debate coletivo e atividades práticas. Buscam que os/as estudantes reconheçam as diversas manifestações do racismo e reflitam sobre seus impactos no cotidiano. Além disso, propõem compreender os motivos da ausência de mulheres negras no ensino de História, em razão do predomínio de homens brancos na produção e na circulação desse conhecimento.

Além disso, os materiais e atividades sugeridos dialogam com as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com as exigências de avaliações externas, como o Enem, contribuindo para a ampliação do repertório sociocultural dos/as estudantes, especialmente para a produção da redação. Ao mesmo tempo, valorizam dimensões como o afeto, a empatia e a sensibilidade, as quais a temática do racismo tanto carece, e são fundamentais para a construção de uma educação comprometida com os direitos humanos.



Essa cartilha é fruto da minha inquietação ao perceber a ausência do estudo de mulheres negras no ensino de História e como o racismo estrutural está na raiz desse problema. A partir dessa constatação, segui os seguintes passos: em primeiro lugar, investiguei a compreensão dos/as estudantes sobre racismo e mulheres negras no ensino de História através da aplicação de um questionário de conhecimento prévio e, após obter as respostas, produzi três aulas-oficina, cada uma organizada em quatro aulas de 50 ou 100 minutos. Essas aulas buscaram discutir as respostas do alunado, de modo a favorecer a evolução de seus entendimentos.

As oficinas tiveram como base as obras *Quarto de Despejo* e *Cartas a uma Negra*, além de textos acadêmicos, vídeos e imagens, debatidos a partir de questões provocadoras mediadas pelo diálogo. Após sua realização, reapliquei um questionário com perguntas de mesma essência das utilizadas antes das oficinas, agora com o objetivo de verificar se os/as alunos/as adquiriram progressão conceitual sobre racismo e mulheres negras no ensino de História.

Caro/a professor/a, os resultados aqui apresentados foram obtidos a partir das oficinas aplicadas à minha turma. Você pode se inspirar nessa sequência de aulas, de modo que a proposta dialogue com a realidade da sua escola. Na cartilha, as aulas foram readaptadas para servirem como referência. Também há QR codes com indicação de vídeos e todas as atividades práticas realizadas, um modelo de carta e imagens de Carolina Maria de Jesus da revista *O Cruzeiro*, que também podem ser utilizados em suas aulas.

As sequências de aulas-oficinas propostas colaboram diretamente para a efetivação da Lei nº 10.639/2003, ao promoverem o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira de modo contextualizado e crítico. Trata-se, ainda, de um material que pode ser utilizado por outras áreas do conhecimento, em razão de seu caráter interdisciplinar. Assim, esta cartilha destina-se a você, professor/a, na condição de mediador/a do conhecimento histórico, oferecendo subsídios para a elaboração de práticas pedagógicas significativas, capazes de fortalecer a consciência histórica dos/as alunos/as e contribuir para a formação de uma sociedade mais justa, plural e antirracista

HABILIDADES DA BNCC

(EM13CH502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e as liberdades individuais.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Oficina

1

Racismo, uma compreensão a partir da obra "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada".

Aula 1 - O que é racismo? (50 minutos)

QUAL A
RELAÇÃO DO
RACISMO COM O
IMPERIALISMO?



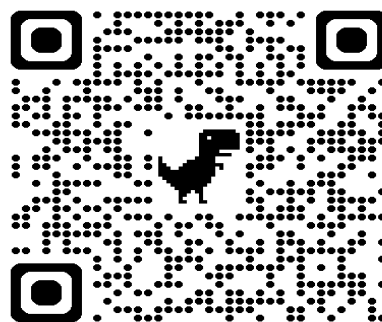
Inicie a aula perguntando aos alunos:

- O que vocês entendem por racismo?

As respostas podem ser anotadas no quadro.

ASSISTINDO E DIALOGANDO

Exiba os primeiros 8 minutos do vídeo sobre racismo estrutural, institucional e individual¹. O vídeo oferece tais argumentos: racismo individual é entendido como postura ética ou patológica de um indivíduo ou grupo. Mostra que o racismo institucional aparece no funcionamento das instituições, produzindo vantagens e privilégios com base na raça. Apresenta o racismo estrutural, ligado à formação da sociedade.



¹RACISMO individual, institucional e estrutural: Ep. 407. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (17 min 56 s). Publicado pelo canal Ronaldo Bastos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O9s9kdLmBaE>. Acesso em: 2 ago. 2025.



PARE E REFLITA

Estimule o diálogo sobre o vídeo brevemente com a turma. Peça que os alunos/as conceituem os tipos de racismo, citando exemplos.

O RACISMO
SE REFERE A
ATITUDES INDIVIDUAIS
SOMENTE?



ATIVIDADE

Organização de grupos: Divida a turma em grupos para a futura discussão de documentos. O grupo usa o dicionário virtual para buscar termos desconhecidos.



Aula 2 - Tipos de racismo? (50 minutos)



LEITURA GUIADA

Distribua o texto "Sobre racismo e suas múltiplas manifestações"².

O texto apresenta um tutorial sobre o conceito de racismo e suas formas de manifestação. Define o racismo institucional como aquele que ocorre no funcionamento de instituições públicas ou privadas. Já o racismo estrutural atravessa todas as esferas de poder, política, economia e cultura, por ser uma construção histórica.

[...] a concepção individualista, por ser frágil e limitada, tem sido à base de análises sobre o racismo absolutamente carentes de história e de reflexão sobre seus efeitos concretos. 'É uma concepção que insiste em flutuar sobre a fraseologia moralista inconsequente- 'racismo é errado', 'somos todos humanos', 'como pode ser racista em pleno século XXI?', 'tenho amigos negros' etc. [...] (Almeida, 2018, p. 28).

² GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Sobre racismo e suas múltiplas manifestações. **Geledés**, São Paulo, 15 maio 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-racismo-e-suas-multiplas-manifestacoes/>. Acesso em: 18 set. 2025.

MÃO NA MASSA!

ESCOLHA UMA PALAVRA
QUE REPRESENTA O SENTIMENTO
TRANSMITIDO PELO TEXTO E EXPLIQUE
A SUA ESCOLHA.





O que é racismo institucional e como ele funciona na nossa sociedade. Cite exemplos de como ele é sutil e difícil de ser identificado.

Como o racismo individual se manifesta no nosso cotidiano?



ANOTAÇÕES

Carolina: Racismo Estrutural e exclusão socioeconômica (50 minutos)



LEITURA GUIADA

Distribua um fragmento de Quarto de despejo sobre a catação de papel de Carolina Maria de Jesus e o idoso negro.



PARE E REFLITA

Como o racismo estrutural se manifesta nessa situação de exclusão socioeconômica?

Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indignado para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fabrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome!

[...] Encontrei com ele outra vez, perto do deposito e disse-lhe:

- O senhor espera que eu vou vender este papel e dou-te cinco cruzeiros para o senhor tomar uma media. É bom beber um cafezinho de manhã.

-Eu não quero. A senhora cata estes papeis com tantas dificuldades para manter os teus filhos e deve receber uma migalha e ainda querer dividir comigo. Este serviço que a senhora faz é serviço de cavalo. Eu já sei o que vou fazer da minha vida. Daqui uns dias eu não vou precisar de mais nada deste mundo. Eu não pude viver nas fazendas. Os fazendeiros me explorava muito. Eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo é dinheiro eu não encontro emprego porque já sou idoso. Eu sei que vou morrer porque a fome é pior das enfermidades (Jesus, 2014, p. 54).





CONECTANDO COM O PRESENTE

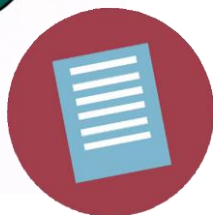
Quais as dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras na sociedade hoje?

Você já viu alguma situação parecida com essa na sua comunidade ou bairro?

Cada grupo apresenta sua percepção.



Aula 3 - Racismo x Defesa da identidade negra? (50 minutos)



LEITURA GUIADA

Distribua outro fragmento de Carolina sobre seu cabelo e pele.

Identifique no texto qual situação vivida por Carolina exemplifica o racismo?

Qual sentimento expressa Carolina pela sua identidade?

E nós, qual nosso sentimento quanto à identidade negra?





[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta (Jesus, 2014, p. 64).

MÃO NA MASSA!

Busque a explicação do livro didático, mostrando como o discurso racial permanece no social, mesmo após ser superado cientificamente.



Violência Verbal e Física



LEITURA GUIADA

Peça que os/as alunos/as analisem os fragmentos de Carolina sobre violência verbal e física.



PARE E REFLITA

Como o racismo estrutural opera nesses dois casos?

Você identifica situações similares na nossa sociedade?



Vamos usar a imagem que trata da violência policial para contextualizar o debate. Está no texto: *Sobre racismo e suas múltiplas manifestações*.

Despertei as 4 horas da manhã com a voz do Alexandre que estava maltratando a sua esposa e chingando o soldado Edison. Dizia:
- Aquele negro sujo me bateu. Mas ele me paga! Eu me vingo! Vendo que o Alexandre não parava de falar, eu fui na delegacia. O soldado que estava de plantão disse:
- Favela é de morte!

Disse-me que se o Alexandre continuasse a perturbar para eu voltar as 6 horas. Voltei para a favela, ele estava na rua insultando. Resolvi fazer café. Abri a janela e joguei um pouco dagua no Alexandre.
- Você chamou a Radio Patrulha para mim. Negra fidida! Mas você me paga! (Jesus, 2014, p. 97).





[...] Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrado numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transformam preto em bode expiatorio. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (Jesus, 2014, p. 108).

Aula 4 - Racismo Cultural (50 minutos)

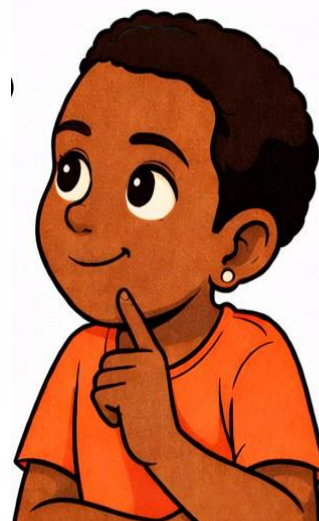
LEITURA GUIADA



Peça aos/às alunos/as que analisem os trechos de Carolina

Como a produção da escrita de Carolina incomodava a sociedade?

Como o racismo estrutural age diante da cultura negra?





"[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:
- É pena você ser preta" (Jesus, 2014, p. 64).



"Quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.
- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você" (Jesus, 2014, p. 26).

ANOTAÇÕES

Atividade

CARTA PARA CAROLINA

Cada aluno/a escreve uma carta para Carolina Maria de Jesus.

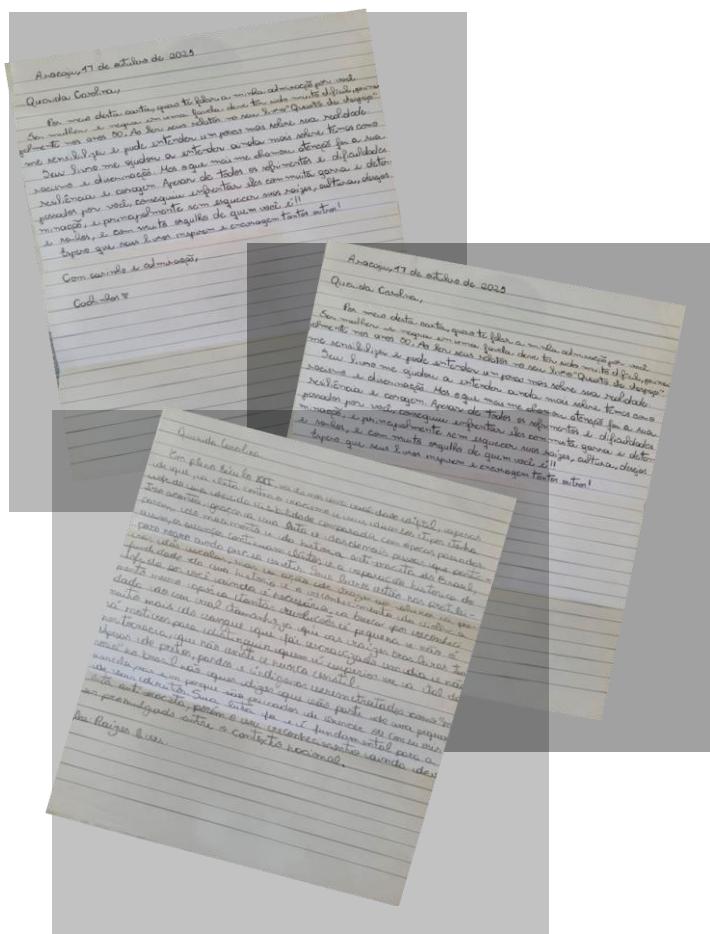
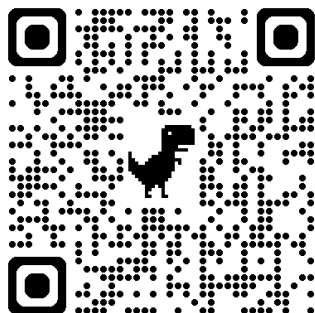
- Use um codinome.
- Fale sobre o que sentiu ao ler a obra
- Demonstre empatia e reflexão crítica

Use o modelo de carta com base no livro *Cartas para minha vó*, de Djamila Ribeiro, para servir de inspiração.



Abaixo temos o modelo com base no livro *Cartas para minha vó*, de Djamila Ribeiro.

Use o seu leitor de QR Code do seu smartfone e acesse o material.



VEJA ALGUNS EXEMPLOS

Escreva como se estivesse conversando com ela.



COMPARTILHANDO

Em seguida, peça para que os voluntários leiam as cartas que seus colegas escreveram para Carolina Maria de Jesus.



Oficina

2

Mulheres negras na obra "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada".

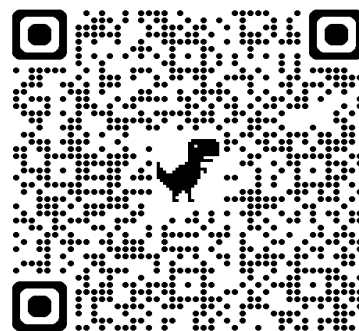
Aulas 5 e 6 - A ausência da mulher negra no ensino de História? (100 minutos)



Distribua post-its para que os/as alunos/as escreverem uma frase sobre o que sabem ou sentem em relação à ausência de mulheres negras no ensino de História. Monte um mural inicial que será revisado na aula 8.

INTERAÇÕES NA MÍDIA

Ouçã o *podcast* "Carolina fora de lugar"⁴. O *podcast* argumenta que Carolina Maria de Jesus, embora reconhecida como grande escritora, ainda é invisibilizada, inclusive na universidade. Sua figura incomodou escritores e jornalistas e, até hoje, há quem duvide de sua autoria. Evidencia que foi reduzida à imagem de "favelada" no imaginário social, mesmo tendo passado apenas uma pequena parte de sua vida na favela.



⁴ CAROLINA I: fora de lugar. Locução de: Tiago André. [S. l.]: História Preta, 13 fev. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0>. Acesso em: 18 set. 2025.



Imagens publicadas pela Revista O Cruzeiro



MÃO NA MASSA!

Divida os/as alunos/as em grupos para que analisem o livro didático da turma. Tarefa: Verificar se há mulheres negras nele, se sim, como elas são representadas e quais conteúdos sobre elas estão presentes.



ANOTAÇÕES

Aulas 7 - (50 minutos)

LEITURA GUIADA



Distribua fragmentos de Circe Bittencourt e Carolina Maria de Jesus que tratam da ausência de conteúdos sobre mulheres negras no Ensino de História.

ATIVIDADE RÁPIDA



Analise o fragmento de Carolina Maria de Jesus sobre o sonho de ser homem e relacione com o texto de Circe Bittencourt sobre as elites na construção do ensino de história no século XIX.



Porque essas histórias quase não aparecem no livro didático?"

Quem escrevia a história no século XIX?

Quem escreve hoje, e quem esse autor representa em sua narrativa?

O Ensino de História, nas primeiras décadas do século XIX, foi organizado e efetivado a partir de projetos elaborados no processo de constituição do Estado nacional brasileiro por representantes das elites que integravam os ministérios, o conselho de Estado, a câmara dos deputados e o senado, e também pelos que assumiam a presidência das províncias com seu corpo de funcionários criados pela Independência (Bittencourt, 2018, p. 131).

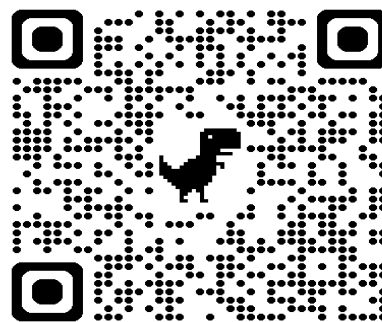
"[...] Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria" (Jesus, 2014, p. 53-54).



ISSO CAI NO ENEM?

Acesso o QR Code e leia a questão 50 do Enem de 2023.

Responda a questão e escreva uma frase justificando sua resposta.



Aulas 8 - Protagonismo Digital (50 minutos)



PROTAGONISMO DIGITAL

Escrevam uma frase, destacando a compreensão final sobre a ausência de mulheres negras na História. Compare a evolução dos registros com o Mural inicial.

MÃO NA MASSA!

Criem cartaz digital com apresentação positiva sobre Carolina Maria de Jesus, sem estereótipos, destacando sua importância como escritora.



Useem ferramentas digitais, como Padlet ou Canva, atentando para que as imagens e o design transmitam respeito e reconhecimento à autora. Veja alguns exemplos:



Oficina

3

Racismo e mulheres negras na obra "Cartas a uma negra".

Aulas 9 e 10 - Mapa conceitual da trajetória de Ega (100 minutos)

Crie uma nuvem de palavras no quadro com a seguinte pergunta: "Quais mulheres negras você já estudou em História esse ano?" Conduza uma discussão inicial.



LEITURA GUIADA

Distribua dois textos biográficos de Françoise Ega⁵ para leitura em grupos. Projete as imagens de Ega disponíveis no site Mam'Ega⁶.

O texto mostra que Françoise Ega, nascida em 1920 na Martinica, mudou-se para Marselha em 1950. Destaca sua atuação na fundação da Associação Antilhana-Guianense, ajudando mulheres das Antilhas que trabalhavam como empregadas domésticas e na criação de um centro cultural para trabalhadores. Registra ainda sua morte em 1976.



O texto mostra que Françoise Ega conhece Carolina Maria de Jesus por meio de uma reportagem e de um resumo de sua obra publicados na revista Paris Match. Argumenta que esse contato midiático é a porta de entrada para o interesse de Ega pela escritora brasileira.

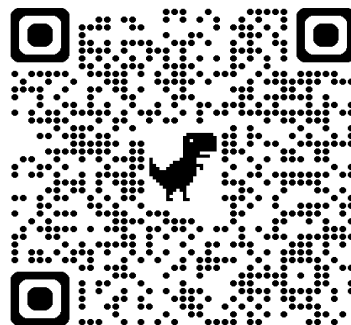
⁶ EGA, Françoise. **Celle qui dit non à l'ombre**. Marselha: Vivre Ensemble – Comité Mam'Ega, [2022?]. Disponível em: <https://vivreensemble.org/francoise-ega/>. Acesso em: 4 mar. 2025.

⁷ VIVRE ENSEMBLE – COMITÉ MAM'EGA. **Mémoire de la population**. Marseille: Vivre Ensemble, ©2021. Disponível em: <https://vivreensemble.org/memoire-identite-territoire/memoire-identite/portraits-dhabitants/>. Acesso em: 18 set. 2025.

INTERAÇÕES NA MÍDIA

O site reúne várias imagens da trajetória de vida de Françoise Ega. Acesse-o com o leitor de QR Code do seu smartphone ou digite o link:

<https://vivreensemble.org/memoire-identite-territoire/memoire-identite/portraits-dhabitants/>.



MÃO NA MASSA!

Escolham uma foto e crie um título para ela.



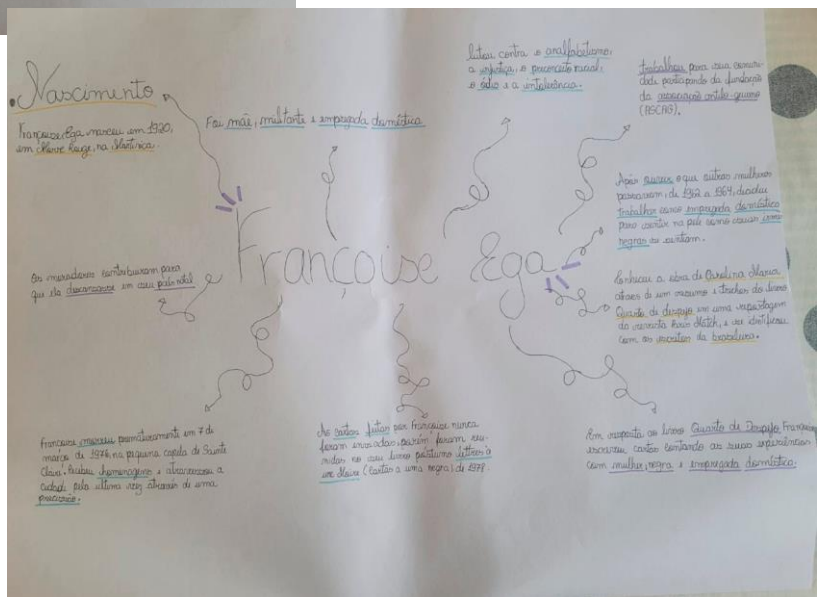
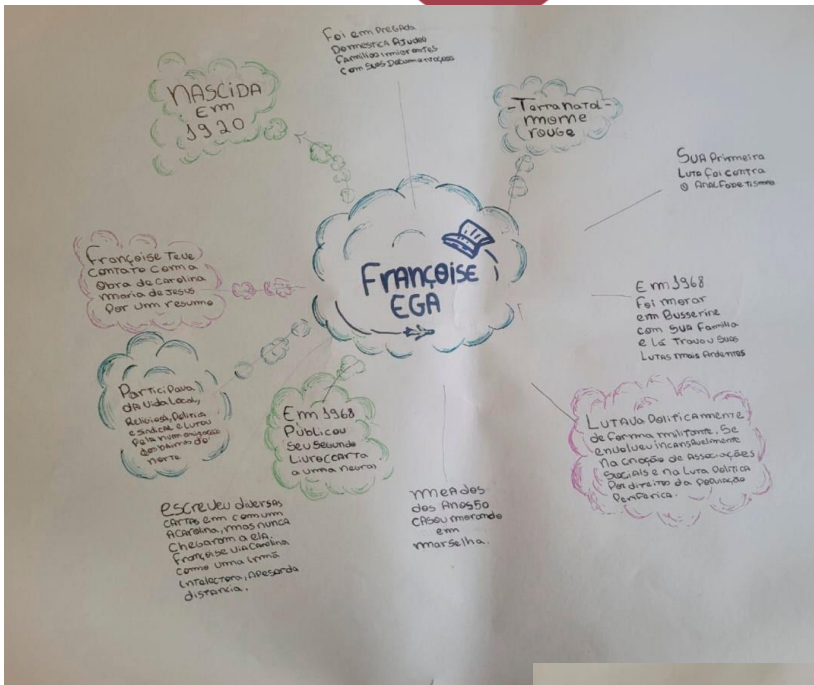
Apresente modelo de mapa conceitual;

Solicite que o mapa conecte, no mínimo, três eventos da vida de Ega (nascimento, ações em Marselha, inspiração em Carolina Maria de Jesus);

Peça que a turma apresente os mapas conceituais produzidos.



Veja alguns exemplos de Mapa Mental



Aulas 11 - Estações e debates (50 minutos)



DIVIDA AS TURMAS EM ESTAÇÕES

Cada uma recebe:

Um "enigma" relacionando o texto de Eça a um conceito



Onde vemos isso acontecer hoje?"



Cada estação apresente exemplos do cotidiano.

ESTAÇÃO KILOMBA(Identidade): Analisar por que não perguntar o nome é uma forma de desumanização e exclusão de direitos.

Conceito: O "Outro" no racismo estrutural não tem rosto.

Eles não podem, sem mais nem menos, me chamar de Marie ou Julie. Aliás, nem estão preocupados com isso: não me chamam de nome nenhum. [...] Quinze dias se passaram e ninguém me perguntou como eu me chamava nem pediu a minha carteira de identidade, é incrível! (Ega, 2021, p. 5).



O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de racismo estrutural (Kilomba, 2019, p. 77).

ESTAÇÃO ALMEIDA (Risco de Morte): Analisar o caso de Renée (apendicite).

Reflexão: O racismo não é só xingamento; é deixar morrer, tratamento desigual.

O racismo tem, portanto, duas funções ligadas ao poder do Estado: a primeira é a fragmentação, de divisão do contínuo biológico da espécie humana, introduzindo hierarquias, distinções, linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão sua vida prolongada e os que devem permanecer vivos e o que serão mortos. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também como exposição ao risco da morte (Almeida, 2018).

Vou substituir a Renée no trabalho, ela vai tirar o apêndice. Faz três meses que sente dores na barriga, mas tem tanto medo da patroa que ainda estaria trabalhando se eu não lhe dissesse que ela corria risco de ter algo grave. Perguntei, Carolina, se seus empregadores estavam cientes do seu problema. Ela respondeu que a patroa constantemente lhe repetia que não pagara a viagem das Antilhas a Marselha para vê-la doente. E acrescenta: 'A patroa disse que eu seria operada só depois de pagar os noventa mil francos que ela havia me emprestado para eu vir'. [...] Pouco a pouco, percebi que ela estava à beira do precipício e que não estava determinada a se salvar, com medo dos brancos que a empregavam. Tendo em vista que sua vida talvez dependesse disso, ofereci-me para substituí-la por quinze dias: caso contrário, ela continuaria com o apêndice infectado por mais oito meses, o tempo para se liberar da sua dívida (Ega, 2021, p. 133-134).



ESTAÇÃO EGA (A "Vassoura" Imposta): Discutir a costureira que vira faxineira sem consulta.

Reflexão: Essa é a representação nos conteúdos de história?

Enfim eu disse a patroa: 'Pensei que tinha sido contratada para costurar!' Soltei a frase com ar ingênuo, e a senhora respondeu: 'Faz tanto tempo que queria uma negra para faxina! Quando a vi chegar, não tive coragem de lhe contar de imediato, mas já que a senhora dá conta do serviço! A senhora não pode ficar mais? Só saio de férias em agosto!' Vim como costureira e, sem pedir minha opinião, ela gentilmente tinha me dado as vassouras, como lhe convinha! Eu poderia ir embora no primeiro dia, mas queria saber até que ponto e por quanto tempo aquilo continuaria! E eu vi o filme todo! Pobre Carolina, não estou ressentida, pois assim são as coisas! Somos classificadas pelo governo e por toda a França como sendo, antes de tudo, faxineiras [...] (Ega, 2021, p. 145).



**Aulas 12 - Reflexão e Avaliação Final
(50 minutos)**



Discuta a relevância de incluir Ega e Carolina nas aulas de História para minimizar a ausência de mulheres negras nos conteúdos da disciplina.

MÃO NA MASSA!

Cada aluno(a) escreve uma carta para Ega.



Use um codinome;

Expressem solidariedade diante do racismo sofrido;

Compartilhem experiências de mulheres negras próximas, valorizando suas histórias.

veja alguns exemplos:

26/10/2025
Querida Françoise Ega,
Estudei sobre sua vida e admirei suas palavras que chegaram a mim. Senti uma mistura de admiração e tristeza, das histórias e momentos e um gosto muito bom tudo que você compartilhou e que o mundo precisa conhecer.
Suas cartas e palavras não são apenas um testemunho de quem viveu, mas também uma guia para todos os mulheres que implacavelmente ganham e perdem pelo mesmo racismo. Abre os olhos, ganhamos ganho e raiva das quais silêncios perpetuam.
Ainda hoje, uma parte, escreva e adicione a nossa - americana - filha de imigrantes como brechas, se descobriremos como uma mulher negra lúbrica, mãe, guerreira e poeta, também para as situações semelhantes a sua, use a escrita como forma de resistência e denúncia.
Querida Françoise, agradeço imensamente por sua existência, por escrever, por estar, por trabalhar e deixar um vestígio de luz pelo mundo. A vida de tornou mais colorida.
com carinho: Joe Bivian

Para gentil leitora
Querida Françoise Ega
23 de outubro 2025
Aracaju
Escrevo esta carta para expressar minha admiração pela sua coragem, sensibilidade e compromisso com a justiça social. Sua obra é um poderoso testemunho das experiências vividas pelas mulheres negras nos Estados Unidos, especialmente pelas mulheres negras que são alvo de quem muitas vezes se esquecem, revelando com verdade e empatia, os dias, os desafios e também o amor de quem luta todos os dias por respeito e dignidade.
Sua obra "Lettre à une Noire" continua sendo um modelo de ~~de~~ literatura interseccional e feminista. Sua escrita denuncia as desigualdades, mas também constrói pontos de empatia e reflexão. Impulsivamente, o racismo ainda se manifesta em muitos espaços. Um exemplo recente foi o caso de uma funcionária negra do Magazine Luiza que foi excluída e subestimada, mesmo tendo qualificação e desempenho igual ou superior aos demais.
Como você está mostrando o quanto sua obra ainda é necessária, que sua voz continue impulsionando resistências, continue escrevendo, compartilhando suas histórias e experiências com as mulheres negras.

Aracaju, 28 de outubro de 2025
Querida Françoise Ega,
Ao conhecer sua história, fiquei muito admirada com sua coragem e coragem ao decidir trabalhar como empregada doméstica para sentir na pele como outras mulheres negras se sentiam. Sua luta contra o analfabetismo, o preconceito racial e a injustiça fazem de grande importância para as mulheres de Maritima e inspiram e inspiram tantas outras pessoas. Espero que sua história se torne um modelo para que todas saibam da sua potência.
Infelizmente, muitas vezes o racismo ainda acontece, hoje em dia. Muitas pessoas passam por esse tipo de preconceito no trabalho. Minha mãe é professora, e há algum tempo foi perseguida pela mãe de um dos seus alunos, que a acusou de várias coisas. O problema foi resolvido, mas existem milhares de casos por aí.
Com carinho,
Cochi: riber



COMPARTILHANDO

Em seguida, peça para que voluntários leiam as cartas que os colegas fizeram para Françoise Ega.



Para abrir novos caminhos...

As obras literárias *Quarto de despejo* e *Cartas a uma negra*, que servem de base para as oficinas apresentadas nesta cartilha, não foram selecionadas ao acaso. Essas produções partilham um objetivo comum: dar voz a sujeitos historicamente silenciados. Ambas evidenciam a escrita de mulheres negras como ato político e, conseqüentemente, como potente instrumento educacional, em especial para o ensino de História, disciplina tradicionalmente marcada por perspectivas eurocêntricas e patriarcais, podendo atuar como material didático de ruptura com parâmetros tradicionais.

Suas narrativas, ancoradas em experiências pessoais, constroem uma identidade coletiva. Denunciam as opressões sociais vividas pelas autoras e desvelam a história oficial, abrindo espaço para o surgimento de outras narrativas (Alves, 2022). Como afirma Chimamanda Adichie: “Mas existem outras histórias, e é muito importante, igualmente importante falar sobre elas” (Adichie, 2019, p. 27).

Dessa forma, esta cartilha busca contribuir para a sua aula, professor/a, ainda que minimamente, possibilitando que outras histórias sejam contadas para além da versão oficial, desnaturalizando-a, ao destacar as obras de Carolina e Ega, que, por meio de suas escritas, lutaram pela legitimidade da produção intelectual de mulheres negras.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, Roberta Maria Ferreira. Palavra escrita: instrumento de resistência nas vozes de Carolina Maria de Jesus e Alice Walker. In: ARRUDA, Aline; BARROCA, Iara; TOLENTINO, Luana (org.). **Carolina Maria de Jesus**: percursos literários. Rio de Janeiro: Malê, 2022. p. 101-108.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152562>. Acesso em: 19 out. 2024.

BRAICK, Patrícia Ramos *et al.* **Moderna Plus**: ciências humanas e sociais aplicadas: conflitos e desigualdades. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020. v. 6, p. 123-125. Disponível em: <https://pnld.moderna.com.br/ensino-medio/obras-didaticas/area-de-conhecimento/ciencias-humanas-e-sociais/moderna-plus>. Acesso em: 2 ago. 2025.


BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 19 set. 2024.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Trabalho doméstico e igualdade: a luta das trabalhadoras domésticas por dignidade e reconhecimento. **Portal Gov.br**, Brasília, DF, 4 jun. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2025/junho/trabalho-domestico-e-igualdade-a-luta-das-trabalhadoras-domesticas-por-dignidade-e-reconhecimento>. Acesso: 18 set. 2025.

CAROLINA I: fora de lugar. Locução de: Tiago André. [S. l.]: História Preta, 13 fev. 2023. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0>. Acesso em: 18 set. 2025.

DANTAS, Audálio. Retrato da favela no diário de Carolina. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ed. 36, p. 93; 97, 20 jun. 1959.



EGA, Françoise. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. Tradução Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.

EGA, Françoise. **Celle qui dit non à l'ombre**. Marselha: Vivre Ensemble – Comité Mam'Ega, [2022?]. Disponível em: <https://vivreensemble.org/francoise-ega/>. Acesso em: 4 mar. 2025.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. TV Brasil. **Carolina de Jesus, a escritora além do quarto**. Caminhos da Reportagem, Brasília, DF, 22 nov. 2020. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2020/11/carolina-de-jesus-escritora-alem-do-quarto>. Acesso em: 22 nov. 2025.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Sobre racismo e suas múltiplas manifestações. **Geledés**, São Paulo, 15 maio 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-racismo-e-suas-multiplas-manifestacoes/>. Acesso em: 18 set. 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MORAES, Ieda Palheta. Representação e empoderamento de mulheres negras no ensino de História. **Portal Geledés**, 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/representacao-e-empoderamento-de-mulheres-negras-no-ensino-de-historia/>. Acesso 20 jul. 2025

MUNANGA, Kabengele. **Negritudes**: usos e sentidos. 4. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.

SILVA, Janaina Guimarães da Fonseca e. Lugones e o escurecer do ensino de história. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 1, e85047, 2022. <https://tvbrasil.ebc.com.br/caminhos-da-reportagem/2020/11/carolina-de-jesus-escritora-alem-do-quarto>

SIQUEIRA, Samanta Vitória; LUCENA, Karina de Castilhos. Aquela que diz não à sombra: biografia e obra da escritora martinicana Françoise Ega. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 61, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/30209/23823>. Acesso em: 4 mar. 2025.

RACISMO individual, institucional e estrutural: Ep. 407. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (17 min 56 s). Publicado pelo canal Ronaldo Bastos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O9s9kdLmBaE>. Acesso em: 2 ago. 2025.

VIVRE ENSEMBLE COMITÉ MAM'EGA. **Mémoire de la population** (Memória da população). Marseille: Vivre Ensemble, ©2021. Disponível em: <https://vivreensemble.org/memoire-identite-territoire/memoire-identite/portraits-dhabitants/>. Acesso em: 18 set. 2025.